

COLETIVO DE AUTORES: A CULTURA CORPORAL EM QUESTÃO¹

MARCÍLIO SOUZA JÚNIOR

Doutor em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE);
Professor da Escola Superior de Educação Física (ESEF) da Universidade de Pernambuco (UPE),
do Departamento de Educação (DED) da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)
e da Faculdade Salesiana do Nordeste (FASNE)
(Recife – Pernambuco – Brasil)
e-mail: marciliosouzajunior@pq.cnpq.br

ROBERTA DE GRANVILLE BARBOZA

Mestre em Educação pela UFPE;
Professora da Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO-Recife-Pernambuco)
e da Associação Caruaruense de Ensino Superior (ASCES)
(Caruaru – Pernambuco – Brasil)
e-mail: robertagrab@yahoo.com.br

ANA RITA LORENZINI

Doutoranda em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA);
Professora da ESEF-UPE e da ASCES
(Recife – Pernambuco – Brasil)
e-mail: arita@globocom.com

GINA GUIMARÃES

Mestre em Educação pela UFPE;
Professora da Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco (SEDE-PE)
e da Autarquia de Ensino Superior de Arcoverde (AESA)
(Recife – Pernambuco – Brasil)
e-mail: gina-g@ig.com.br

HILDA SAYONE

Mestre em Educação pela UFPE;
Professora da SEDE-PE, da AESA e da FASNE
(Recife – Pernambuco – Brasil)
e-mail: hsayone@hotmail.com

RITA CLÁUDIA FERREIRA

Mestre em Educação pela UFPE;
Professora do Colégio de Aplicação (CAp) da UFPE
(Recife – Pernambuco – Brasil)
e-mail: ritclaudia@yahoo.com.br

1. A pesquisa contou com o financiamento da ESEF-UPE para realização das entrevistas, em especial com deslocamento de alguns entrevistados ou mesmo de pesquisadores para a coleta dos depoimentos.

ELIENE LACERDA PEREIRA
Mestre em Educação Física pela UPE/UFPB;
Professora da Rede Municipal de Ensino de Goiânia
(Goiânia – Goiás – Brasil)
e-mail: elienemorango@yahoo.com.br

DAISE FRANÇA
Mestre em Educação pela UFPE;
Professora do Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia de Pernambuco (IFPE)
(Belo Jardim – Pernambuco – Brasil)
e-mail: daisefranca@yahoo.com.br

MARCELO TAVARES
Doutor em Educação pela UFPE;
Professor da ESEF-UPE e do CAP-UFPE
(Recife – Pernambuco – Brasil)
e-mail: mtavares19@hotmail.com

ROSÂNGELA CELY LINDOSO
Mestranda em Educação pela UFPE;
Professora da SEDE-PE e da FASNE
(Recife – Pernambuco – Brasil)
e-mail: roxente@hotmail.com

FÁBIO CUNHA DE SOUSA
Mestre em Educação Física pela UPE/UFPB;
Professor da SEDE-PE
(Recife – Pernambuco – Brasil)
e-mail: fabiocunhasousa333@hotmail.com

RESUMO

Coletivo de Autores é a denominação dada aos seis autores do livro Metodologia do Ensino de Educação Física, publicado em 1992, pela editora Cortez. Este livro tem se tornado uma referência importante no campo da produção do conhecimento em Educação Física, configurando-se como leitura imprescindível aos que atuam com a Educação Física escolar. Este texto, inserido numa pesquisa mais ampla acerca da obra, focaliza uma reflexão acerca da categoria cultura corporal e traz um diálogo com a literatura e com as entrevistas realizadas com os autores, particularmente refletindo acerca do objeto de estudo da Educação Física escolar na perspectiva Crítico-Superadora.

PALAVRAS-CHAVE: Escola; ensino; educação física; cultura corporal.

INTRODUÇÃO

O livro *Metodologia do Ensino de Educação Física*, assinado por um Coletivo de Autores² e editado pela Cortez, completou sua maioridade, considerando a data de publicação de sua primeira edição (SOARES *et al.*, 1992). Seus autores deram continuidade às suas produções acadêmicas e poucas vezes voltaram a se unir em torno desta obra de maneira presencial e mais sistematizada. Inclusive alguns deles, ainda que mantenham os fundamentos dessa em suas ações e publicações, focalizaram seus estudos para outra dimensão da área da Educação Física.

No entanto, o livro continua sendo referência central para a formação inicial e continuada de profissionais de Educação Física, tornando-se, poderíamos dizer, uma leitura imprescindível, um clássico da área, para aqueles que atuam na Educação Física escolar³.

Focalizamos aqui a categoria *cultura corporal*, refletindo acerca de sua genealogia e de sua compreensão na obra e mais particularmente entre os próprios autores do livro, trazendo um diálogo com a literatura e com as entrevistas realizadas, especificamente acerca do objeto de estudo da Educação Física escolar na perspectiva Crítico-Superadora.

METODOLOGIA

O presente trabalho é um recorte da pesquisa “Coletivo de Autores: a Cultura Corporal em questão”, realizada pelo Grupo de Estudos Etnográficos em Educação Física e Esporte (ETHNÓS) do Laboratório de Estudos Pedagógicos (LAPED) da ESEF-UPE, cuja intenção não era colocar em xeque, muito menos negar ou abandonar a obra e sim tomá-la como elemento de apreciação e análise crítica dos limites e possibilidades teórico-metodológicas da perspectiva crítico-superadora para Educação Física escolar.

O estudo constituiu-se numa investigação qualitativa com trabalho bibliográfico, documental e de campo (LÜDKE; ANDRÉ, 1986). A parte bibliográfica/documental foi realizada a partir do livro *Metodologia do Ensino da Educação Física*

2. Carmen Lúcia Soares, Celi Taffarel, Elizabeth Varjal, Lino Castellani Filho, Micheli Ortega Escobar e Valter Bracht.

3. Em 2011, 40.891 professores das séries finais do ensino fundamental de escolas públicas do Brasil receberam a segunda edição do Coletivo de Autores (CASTELLANI FILHO *et al.*, 2009). O livro foi selecionado entre os concorrentes do edital para o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE). O Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) vai distribuir a obra por meio do PNBE do professor – 2010. Fonte: <http://www.fnde.gov.br/index.php/arq-biblioteca-da-escola/5103-pnbeprofessor2010valorfinalportitulo/download>

(SOARES *et al.*, 1992) e em produções de seus autores publicadas em livros e periódicos de circulação nacional. E na parte de campo utilizamos, como procedimento para a coleta de dados empíricos, a entrevista, realizada com os seis autores da obra, submetendo-a, posteriormente, ao próprio entrevistado para uma checagem, atualização e autorização para lidar com o conteúdo da fala e a forma de citação⁴, como demonstra o Quadro 1.

Quadro 1: Organização dos dados das entrevistas – datas e autoria

Entrevistado	Referência bibliográfica	Concessão da entrevista	Checagem
Micheli Ortega Escobar	ESCOBAR	07/05/01	14/02/2009
Elizabeth Varjal	VARJAL	26/09/01	30/03/2009
Valter Bracht	BRACHT	29/11/01	26/03/2009
Celi Taffarel	TAFFAREL	27/09/02	25/03/2009
Carmen Lúcia Soares	SOARES	07/12/05	23/03/2009
Lino Castellani Filho	CASTELLANI FILHO	02/06/06	23/03/2009

Referimo-nos aos seis autores de duas formas distintas, demonstrando sempre o cuidado que temos, tanto pela ética na pesquisa⁵, quanto pelo respeito acadêmico e carinho pessoal a seus elaboradores e à obra em si. Como entrevistados, quando dialogamos com suas falas, usamos, com a devida autorização dos mesmos, o nome próprio desses, indicando seu primeiro nome. No entanto, por vezes usamos conteúdos de elaborações escritas dos seis autores, como referência bibliográfica e, nesse caso, usamos o sobrenome, como exige a ABNT.

Para o tratamento dos dados, nos apropriamos da análise de conteúdo (BARDIN, 1988), a partir de diferentes categorias temáticas que perpassam a construção do livro. Encontramos categorias de três ordens: 1– O contexto da Obra, retrazando a história da construção do livro – genealogia; identificando a contribuição do entrevistado na obra; apontando os avanços que ele reconhece do livro na época da 1ª edição; indicando o que precisaria ser revisto na obra; 2– A

4. Os depoimentos cedidos durante as entrevistas foram publicados na íntegra, com autorização de todos dos autores, na segunda edição do livro do Coletivo de Autores (CASTELLANI FILHO *et al.*, 2009).

5. De acordo com as normas dessa revista, informamos que foi encaminhada declaração de princípios éticos da pesquisa, deixando claro o cumprimento a todos os princípios e procedimentos éticos de uma investigação científica. Ainda que a pesquisa não tenha realizado experimentos com seres humanos, informamos que os termos das Resoluções 196/96 e 251/97 do Conselho Nacional de Saúde foram respeitados.

Obra, reconhecendo a função da Educação Física na escola brasileira, o contexto histórico e educacional da Educação Física crítico-superadora e a vinculação política e governamental da Educação Física Crítico-Superadora; e 3 – Conteúdo da Obra, analisando a compreensão de projeto histórico, reflexão pedagógica, currículo, ciclos, história e historicidade da Educação Física e cultura corporal.

CULTURA CORPORAL: UMA GENEALOGIA

A genealogia do conceito cultura corporal aqui tratada não tem o intuito de elucidar sua origem e muito menos reconhecer sua linhagem, mas sim de compreender a trajetória de sua elaboração em torno da produção da obra Coletivo de Autores (SOARES *et al.*, 1992).

A partir das entrevistas retomamos os estudos bibliográficos e encontramos, entre a literatura referenciada pelos sujeitos de pesquisa, os fundamentos para esta trajetória. Identificamos que o conceito de cultura corporal começa a ser usado em meados da década de 1980, num contexto nacional de abertura política e num contexto específico de crítica à esportivização da Educação Física brasileira, sob forte influência de intercâmbios entre Brasil e Alemanha (TAFFAREL; ESCOBAR, 1987; CASTELLANI FILHO, 1988; SOARES, 1996; ALMEIDA, 1997).

Foi a partir das críticas realizadas por Dieckert (1985) à visão de esporte de alto nível que esse conceito se fez presente. O autor buscava uma Educação Física mais humana dentro da concepção do “Esporte para Todos”, onde fosse discutida e criada uma “nova antropologia” que colocasse como centro da questão “uma cultura corporal própria do povo brasileiro”. Essa cultura própria do nosso povo foi definida pelo autor como: elaborações que as pessoas realizam em torno de suas próprias práticas corporais, construídas e reconstruídas em seu país – capoeira, jogos de diferentes regiões, danças brasileiras – elementos da “cultura corporal que vive no Brasil e no povo brasileiro”.

O Coletivo de Autores (SOARES *et al.*, 1992, p. 62) abordou o conceito a partir da lógica Materialista-Histórico-Dialética, afirmando que “os temas da cultura corporal, tratados na escola, expressam um sentido/significado onde se interpenetram, dialeticamente, a intencionalidade/objetivos do homem e as intenções/objetivos da sociedade”.

Nessa mesma linha de pensamento, Escobar (1995) situa a disciplina Educação Física na perspectiva crítico-superadora, e explicita de forma clara o projeto histórico que defende, um projeto socialista, sendo este voltado para a crítica ao sistema vigente a partir de uma proposição contextualizada e transformadora. Segundo a autora, cultura corporal se refere ao “amplo e riquíssimo campo da cultura que abrange a

produção de práticas expressivo-comunicativas, essencialmente subjetivas que, como tal, externalizam-se pela expressão corporal” (ESCOBAR, 1995, p. 94).

Dessa forma, o conceito de cultura defendido por Escobar (ESCOBAR, 1995, p. 94) implica numa apreensão do “processo de transformação do mundo natural a partir dos modos históricos da existência real dos homens nas suas relações na sociedade e com a natureza” por Escobar (1995, p. 93).

Bracht (2003), analisando diferentes concepções do objeto da Educação Física afirma que sua especificidade deverá se relacionar, de forma direta, com a sua função social, nos remetendo às práticas corporais que passam a ser entendidas como formas de comunicação que constroem cultura e é influenciada por ela.

Para o autor as perspectivas da atividade física e do movimento humano estariam levando a Educação Física a perder sua especificidade como disciplina escolar, pois essas não permitem ver o seu objeto como construção social e histórica e sim como elemento natural que se revela de forma inerte.

Em seguida Bracht (2005), realiza uma reflexão a respeito da seguinte questão: cultura corporal, cultura de movimento, ou cultura corporal de movimento? O autor afirma que qualquer um desses termos pode embasar uma nova construção do objeto da Educação Física, desde que seja colocado o peso maior sobre o conceito de cultura, necessário para a “desnaturalização” do nosso objeto, refletindo a sua contextualização social e histórica e redefinindo a relação entre Educação Física, natureza e conhecimento.

Ainda assim, Bracht (2005) explicita sua preferência pela expressão “cultura corporal de movimento”, pois a palavra “corporal”, por si só, não contempla a especificidade da Educação Física, pois seria uma redundância já que toda cultura é corporal⁶. Já a expressão “movimento”, sem uma reflexão aprofundada, poderia gerar a ideia de um objeto mecanicista e descontextualizado.

Escobar e Taffarel (2009), posteriormente, vão defender que o objeto de estudo específico da Educação Física é fruto, numa perspectiva marxista, do trabalho humano não-material.

O objeto de estudo da Educação Física é o fenômeno das práticas cuja conexão geral ou primigênia – essência do objeto e o nexos interno das suas propriedades –, deter-

6. Sobre esse aspecto, Taffarel e Escobar (1987) ao abordar a respeito da cultura corporal brasileira, e citando Rubem Alves, afirma que “não existe cultura sem corpo.” As autoras falam sobre o corpo como sendo o próprio indivíduo e como tal é elemento que constitui o centro da cultura de todo povo, pois é a partir dele que o ser humano exprime a essência de seus costumes e de sua identidade cultural.

minante do seu conteúdo e estrutura de totalidade, é dada pela materialização em forma de atividades, sejam criativas ou imitativas, das relações múltiplas de experiências ideológicas, políticas, filosóficas e outras, subordinadas a leis histórico-sociais. O geral dessas atividades é que são valorizadas em si mesmas; seu produto não material é inseparável do ato da sua produção e recebe do homem um valor de uso particular por atender aos seus sentidos lúdicos, estéticos, artísticos, agonísticos, competitivos e outros relacionados à sua realidade e às suas motivações. Elas se realizam com modelos socialmente elaborados que são portadores de significados ideais do mundo objetal, das suas propriedades, relações e nexos descobertos pela prática social conjunta (ESCOBAR; TAFFAREL, 1999, p. 173-174).

Para as autoras, o conhecimento específico da Educação Física advém, portanto, de tal atividade: “no momento damos a essa área de conhecimento que se constrói a partir dessas atividades a denominação de ‘Cultura Corporal’” (ESCOBAR; TAFFAREL, 2009, p. 174). E assim, reafirmam esta como objeto de estudo da Educação Física escolar.

As autoras, dando continuidade a tais reflexões, partem combativamente em direção a explicações e construções idealistas e fenomenológicas na Educação Física (TAFFAREL, 2009; ESCOBAR, 2009; TAFFAREL; ESCOBAR, 2009).

Idealistas são as visões de mundo que desconsideram as formações econômicas, históricas, na determinação última do ser social, e ignoram que a formação das classes sociais decorrem da forma como os homens produzem suas vidas e que isto é historicamente situado e não foi superado pelo modo do capital organizar a produção dos bens (TAFFAREL, 2009).

As décadas de 80 e 90 foram proíficas em produções teóricas também de caráter interpretativo fenomenológico (TAFFAREL; ESCOBAR, 2009).

Entre tais idealismos e fenomenologias as autoras enquadram os estudos do francês Jean Le Boulch (1983) e do português Manoel Sérgio (1987). Estes são exemplos de construções acerca da educação física que produziram explicações sobre o corpo como se este fosse algo abstraído da realidade concreta historicamente situada, como se o homem tivesse um corpo independente das suas condições objetivas (TAFFAREL; ESCOBAR, 2009).

Para superar estas construções Escobar (2009) reafirma a base teórica com a qual elabora os argumentos de sustentação acerca da especificidade da Educação Física escolar:

Para combater esse idealismo que fragmenta o conhecimento e o desgarra da realidade fazendo prevalecer o discurso sobre os fatos e a forma sobre o conteúdo é necessário fazer da atividade prática do homem, o trabalho, e das relações objetivas materiais, reais, dos homens com a natureza e com os outros homens a base da construção do conhecimento (ESCOBAR, 2009).

Defendendo o trabalho não-material como categoria fundante na construção da teoria pedagógica da Educação Física, Escobar (2009) nos traz um exemplo explicativo e Taffarel (2009) nos traz desafios para o enfrentamento atual:

Para explicar “esporte” é fundamental reconhecê-lo como uma atividade corporal historicamente criada e socialmente desenvolvida em torno de uma das expressões da subjetividade do homem, o jogo lúdico, que não pretende resultados materiais. [...]. No jogo praticado pela satisfação de interesses subjetivos – lúdicos – o produto da atividade é o prazer dado pela própria satisfação dos mesmos (ESCOBAR, 2009).

A atualidade é enfrentar os problemas que persistem na educação física e no trato com o conteúdo e as barreiras para sua legitimação no currículo escolar, a saber: a) a persistência do dualismo corpo-mente; b) a banalização do conhecimento da cultura corporal; [...]; g) a falta de uma teoria pedagógica construída como categorias da prática; [...] (TAFFAREL, 2009).

Bracht, em artigo junto com Rodrigues, ainda que o foco não seja a cultura corporal, nos ajuda na continuidade da reflexão acerca do objeto da Educação Física na escola (RODRIGUES; BRACHT, 2010). Os autores, por via de um estudo etnográfico, investigam dois casos de inserção da Educação Física na escola e analisam a construção de culturas no cotidiano da instituição educacional. Historicamente, reconhecem culturas construídas em torno da ginástica do asseio e vigor físico e do esporte virtuoso. Entretanto, no cotidiano da escola, identificam outras culturas construídas. Uma Educação Física aderente às expectativas da escola, com um olhar mais da tradição histórica oficial da área e outra não esperada, não prevista, não escriturada, apontando potencialidades de construções críticas de seu papel na escola. Podemos indagar que o objeto da Educação Física, cultura (corporal), como chamam os autores, está em meio a essas construções.

Os autores acreditam que o debate epistemológico da área em torno de sua identidade se deu por um tipo de mestiçagem. Partindo do pressuposto de que a Educação Física precisa reconhecer seu papel de construção da cultura escolar, estes defendem que as diferentes verdades, funções, objetos, culturas da área necessitam assumir o critério da discutibilidade e não das certezas de uma Educação Física oficial (RODRIGUES e BRACHT, 2010).

Percebemos nessa genealogia da cultura corporal certo tipo de mestiçagem entre as teorizações dos seus autores. Reconhecer a trajetória da elaboração argumentativa em torno do objeto de estudo específico da Educação Física na perspectiva Crítico-Superadora nos permitiu evidenciar seus diversos fundamentos, seus limites e possibilidades, tanto na literatura, quanto nas entrevistas concedidas.

COLETIVO DE AUTORES: A CULTURA CORPORAL ENTREVISTAS

No diálogo com os autores podemos perceber, entre os diferentes pontos de vista, a compreensão, elaboração e defesa de cada um acerca do conhecimento específico da Educação Física escolar.

Pudemos identificar que apenas Elizabeth não apresentou uma fala sobre cultura corporal. Isso se dá por que ela reconhece sua maior contribuição no Coletivo de Autores às questões afetas ao currículo.

...minha formação não é a da área da Educação Física e por isso contribui mais com o primeiro capítulo da referida obra devido ao fato de, na época, estar estudando e pesquisando sobre currículo no campo da Pedagogia (ELIZABETH).

Lino fez menção ao conceito de cultura corporal, contudo apenas comenta que já no trabalho do Coletivo de Autores (1992) a cultura corporal era entendida como uma dimensão da cultura humana.

Diferentemente dos dois autores citados acima, os outros quatro apresentaram suas análises acerca da categoria em foco e assim foi possível categorizá-las como aspectos referentes à cultura corporal. Por esse motivo, na análise de conteúdo, os quatro aparecem como destaque. E em especial Micheli e Celi, por terem participado mais diretamente da elaboração inicial do conceito e Valter por ter discutido a “desnaturalização biológica” do conhecimento específico da Educação Física escolar, reivindicado a elucidação de sua dimensão cultural.

Micheli apresenta a importância que o conceito de cultura corporal teve no contexto de surgimento da concepção crítico-superadora. A autora afirma que o Coletivo de Autores (SOARES *et al.*, 1992) aponta para a cultura corporal, enquanto termo que irá fundamentar o objeto de estudo da Educação Física e que o mesmo foi, provisoriamente, utilizado para denominar uma ampla área da cultura, sendo também na época alvo de inúmeras críticas:

Ao fundamentar como objeto de estudo da disciplina Educação Física as atividades que configuram uma ampla área da cultura, provisoriamente denominada de cultura corporal, o Coletivo defendeu a visão histórica que traz a atividade prática do homem, o trabalho e as relações objetivas materiais reais dos homens com a natureza e com outros homens, para

o centro do sistema explicativo. Trouxemos a prática do homem para a explicação do que é a Educação Física. Nós imaginamos que a resposta correta seria de que a Educação Física é uma disciplina que se ocupa de uma grande área da cultura que pode ser denominada “cultura corporal”. Este nome, cultura corporal, levantou muitas críticas no país. Dizia-se que, se havia uma cultura corporal, então haveria uma cultura intelectual ou mental. Na realidade aquela crítica não estava bem fundamentada porque estávamos falando da cultura numa outra dimensão. Mas, de qualquer maneira nós podemos dizer que ao longo de todo o livro nós defendíamos uma visão que nos ligava aos interesses da classe trabalhadora. Quer dizer, com essa maneira de abordar a prática de atividades culturais que chamamos de Educação Física, ou às vezes de Esporte, estaríamos instrumentalizando os alunos para uma leitura mais concreta, mais profunda da realidade (MICHELI).

Percebe-se nessa fala a ênfase que a autora atribui ao fato de o Coletivo de Autores (SOARES *et al.*, 1992) ter, na época, optado politicamente por tratar a cultura corporal numa dimensão histórica, trazendo para o centro da discussão “a prática do homem” ligada aos interesses da classe trabalhadora.

Verificamos sua opção em tratar o produto da cultura corporal enquanto algo inseparável do ato de sua produção, inserido em um contexto em que o ser humano atribui um sentido ou um valor de uso particular e ao mesmo tempo é carregado de um significado atribuído socialmente.

Mais adiante identificamos na fala de Micheli a presença de um elemento que é tomado como o aspecto fundamental que diferencia a cultura do corpo criada pelo positivismo, da cultura corporal carregada de sentido e significado e historicamente situada num contexto.

Para Taffarel e Escobar (2009), a cultura do corpo expressa um conceito positivista, pois compreende a “totalidade” humana como uma soma das partes:

Essas abordagens da Educação Física Escolar, [...], desembocam, inevitavelmente na defesa de uma 'Cultura do corpo', a qual pode ser explicada como uma racionalização formalista da atividade humana que, calcada no princípio positivista da soma das partes (área afetiva + área cognitiva + área motora = totalidade/homem), instrumentaliza as ações, separadamente manuais e intelectuais, com caráter reprodutivo específico, visando o funcionalismo no trabalho (TAFFAREL; ESCOBAR, (2009).

Ainda que seus autores alertem para sua integração, o corpo, nesta concepção de totalidade positivista, é um composto formado de dimensões. Entre esses autores, Taffarel e Escobar (2009) inserem Harrow (1978), Gallahue e Ozmun (2005), Tani *et al.* (1988).

Vemos um exemplo clássico dessa diferença entre cultura do corpo (positivista) e cultura corporal (dialética) a partir da reflexão de João Batista Freire. Segundo este autor,

Um ser humano não é intelectual, social ou moral; uma criança é uma criança e nada mais. Quem categoriza classifica, ordena, divide, separa, não é nossa realidade sensível, prática; quem o faz é nosso mundo interior, abstrato. Nossas análises do fenômeno humano são produtos de nosso pensamento, gerador, este, de palavras escritas e faladas, de números, de símbolos de toda ordem. Essa criança, que na prática não se submete a divisões, aparece em nossas análises fatiada em perfis, do lógico ao psicológico, do motor ao moral (FREIRE, 1999, p. 73).

Freire (1999) apresenta um plano curricular de Educação Física em uma escola, indicando temas e subtemas de conteúdos a serem distribuídos na escola diante da relação idade e série dos alunos. O autor sempre subdivide os conteúdos em seis dimensões (intelectuais, motoras, sensíveis, morais, sociais e afetivas) e organiza os conhecimentos em três áreas (A - Conhecimento do próprio corpo; B - Conhecimento do meio ambiente, natural e social; e C - Cultura específica da Educação Física). Nesta última, inclusive, aponta como objeto a cultura corporal.

a cultura humana é uma cultura corporal, não importa a que se refira. É o corpo que realiza as intenções humanas. Constituímos uma espécie que não estabelece uma relação direta com a natureza; essa relação é intermediada pela cultura, que são as construções humanas que compensam nossa fragilidade corporal, tornando possível essa relação com o mundo. Somos mais que um corpo biológico; nossa natureza, e isto parece um paradoxo, é cultural. Mais particularmente, em relação à Educação Física, foram sendo incorporadas em seu acervo de conteúdos, as construções que dizem respeito especialmente aos exercícios corporais e aos jogos (FREIRE, 1999, p. 79).

Diferenciando-se da posição acima, a cultura corporal na perspectiva do Coletivo de Autores (SOARES *et al.*, 1992), uma cultura corporal dialética, importa-se com o que esta se refere, aliás, está sócio e politicamente referenciada, circunscrita às suas condições objetivas, concretas, pois diz respeito a uma produção humana, uma atividade humana, fruto de seu trabalho.

O homem constrói e transforma o mundo a partir do trabalho. A categoria atividade humana, chamada categoria porque é uma explicação do que o homem faz, indica que o homem não se move, não se mexe a toa, não podemos falar do movimento do homem, da vida do movimento do homem, isto é um equívoco porque o homem não se mexe, ele "age". É diferente agir do que se mexer. "Atividade" e "movimento" são conceitos diferentes. Quando o homem tem que resolver um problema, ele tem que organizar todo um complexo de atividades para resolvê-lo. As ações que ele realiza, e que podem ser vistas de fora, não podem ser reduzidas à simples repetição de movimentos de flexão, extensão, torção, adução, abdução e outras, porque a atividade humana é um complexo de ação, pensamento e emoção desencadeado por objetivos que não se colocam de fora (MICHELI).

Esse foco na categoria atividade humana mencionado por Micheli se caracteriza como o elemento que deu sentido mais pleno ao conceito de cultura corporal defendido pelo Coletivo de Autores (SOARES *et al.*, 1992) e que colocou a Educação Física enquanto uma disciplina com o objetivo de “tratar pedagogicamente, na escola, do conhecimento de uma área denominada aqui de cultura corporal” (SOARES *et al.*, 1992, p. 62).

Valter afirma:

Em 1987 escrevi o ensaio “Educação Física: a busca da autonomia pedagógica”⁷, no qual desenvolvi as ideias de subordinação da Educação Física aos sentidos das práticas corporais ligadas às instituições militares, esportivas e utilizava, pela primeira vez, de forma mais clara, o conceito de cultura corporal (VALTER).

O conceito de cultura corporal foi usado por ele, no final da década de 1980, para apresentar uma discussão acerca da especificidade dos conhecimentos da Educação Física na escola, permitindo o reconhecimento de uma autonomia perante outras instituições externas à escola:

A superação do dualismo moderno estaria na ontologia onde se ressignifica o corpo. Existe uma parte da cultura humana que se caracteriza por uma cultura corporal. Isto é diferenciar para dar conta da realidade. É necessário contextualizar historicamente o conteúdo e a especificidade corporal do conteúdo (VALTER).

Nesse sentido, para o autor, o conceito de cultura torna-se um elemento necessário para a “desnaturalização” da Educação Física, já que contextualiza social e historicamente seu objeto de estudo. O importante é associar a dimensão corporal referente aos conteúdos da Educação Física à cultura de uma forma geral, pois possibilita a superação da redução biologicista e naturalizada de corpo.

Tendo como fundamento uma ideia semelhante, Carmen aponta o seu entendimento e concordância com o termo cultura corporal a partir do seguinte exemplo:

Não queremos o aluno mais veloz, mais ágil, mais... Não, não se trata disso, nós queremos que a partir da cultura corporal, a partir do específico da Educação Física, o aluno compreenda as relações sociais em que está inserido, conheça práticas corporais e possa não só ser um praticante, mas também um espectador crítico. O conhecimento da Educação Física escolar para o “Metodologia de ensino” deveria contribuir para que se modifique, para que se transforme essa compreensão do corpo como um objeto de conhecimento do campo das ciências biológicas, mas sim corpo e gesto como objetos do estudo histórico, sociológico, antropológico, pedagógico e artístico (CARMEN).

7. BRACHT, V. Educação Física: a busca da autonomia pedagógica. *Revista da Educação Física – UEM*. v. 0, n. 1, p. 28-34, 1989 (nota nossa).

Contudo, Micheli afirma que a categoria atividade humana deveria ter sido mais explorada e radicalizada na obra do Coletivo de Autores:

No “Coletivo”, a categoria atividade não foi plenamente utilizada nem respeitada. Ao pensar sem a categoria atividade damos lugar a que se pense a “cultura do corpo”. No nosso modo de ver, como já dissemos, essa cultura do corpo não é mais do que uma racionalização formalista da atividade humana dada pelo princípio positivista da soma das partes. Quer dizer, aquele velho entendimento de que você vai somar as áreas afetiva, cognitiva e motora e você vai ter atingido o homem como totalidade. Esse princípio que continua então a ser modelo em algumas orientações na Educação Física, não foi suficientemente criticado por nós (MICHELI).

Com essa afirmação, a autora deixa claro que por conta da não radicalização de forma plena da categoria Atividade, o Coletivo de Autores (1992) deixou uma espécie de lacuna a partir da qual se abriu espaço para o entendimento de atividade enquanto cultura do corpo a qual fragmenta a discussão sobre cultura e reduz às questões referentes ao corpo a uma dimensão meramente biológica, sendo as áreas afetivas e cognitivas encarada como um somatório, perpassando, dessa forma, uma concepção funcionalista.

Com essa compreensão a autora ressalta a importância da inserção do entendimento da cultura no âmbito de uma produção historicamente construída pela humanidade. cultura não é algo dado *a priori*, ou algo ligado a um processo “natural”. Não se tem ou não tem cultura. Esta é construída através do trabalho, sendo encarada dentro de um “processo de transformação do mundo natural a partir dos modos históricos da existência real dos homens nas suas relações na sociedade e com a natureza” (ESCOBAR, 1995, p. 93).

Contudo, mesmo reafirmando a importância do conceito de cultura, Micheli afirma a necessidade de repensarmos o termo, o objeto “expressão corporal como linguagem”.

Outra consequência foi o entendimento do que seria a Educação Física. Nós afirmamos naquela época que a Educação Física era uma disciplina escolar que tinha como objeto de estudo a expressão corporal como linguagem. Também considero isso como um grande equívoco. Então quem decorou isto apague-o, por favor, e comece a estudar de novo, porque eu avalio como um erro mesmo (MICHELI).

Mais adiante ela explica melhor essa afirmação na medida em que justifica fato de o “Coletivo” na época buscar um termo que fosse mais próximo do que comumente os professores de Educação Física pudessem entender.

O estudo da Educação Física visa apreender a expressão corporal como linguagem. Não!!! Isto é um erro, um erro. Porque nós estávamos ainda um pouco impregnados da visão vinda do idealismo de Kant e do pensamento alemão sobre as atividades corporais. Também nessa época, década de 90, no movimento mundial que hoje se faz sentir com toda força, havia um incentivo tremendo para que os intelectuais se ligassem à ótica fenomenológica dos fenômenos pedagógicos, especialmente na Educação e na Educação Física (MICHELI).

Compreendemos nessa segunda parte da fala de Micheli o motivo pelo qual ela considerou o termo expressão corporal como um equívoco. Trata-se da influência idealista e fenomenológica da época citada anteriormente. Influência essa que, segundo a autora, gerou como consequência a não radicalização do termo cultura corporal, dificultando a superação de uma visão abstrata do corpo, de mundo e de sujeito. O sujeito que trabalha tomando como referência a construção de um projeto histórico comprometido com a classe trabalhadora, não pode ser um sujeito essencialista, separado de um contexto, como algo que tenha uma existência independente e idealizada na dimensão puramente subjetiva.

Esse sujeito é alguém inserido num mundo concreto, presente em suas contradições, suficientemente humano, crítico e reflexivo para transformar a cultura por meio do trabalho. O ser humano para a autora não expressa corporalmente a cultura, ele constrói e transforma essa cultura. A ênfase é colocada na dimensão transformadora, concreta e de produção e não na esfera da reprodução de algo preexistente.

Valter, tomando como referência um texto escrito por Ferreira (1995), e concordando com esse, levanta, entre outras, uma crítica em relação à expressão corporal como linguagem. No entanto, ele não considera um erro, um equívoco e por isso não propõe descartar:

Marcelo Guina Ferreira, em texto de 1995 (p. 216-217), para o qual contribuí como companheiro de discussão e por isso identifico no texto algumas análises que eu mesmo faria e faço. Diz o autor: outra indagação que comumente se faz a este estudo, é quanto à concepção de "expressão corporal enquanto linguagem", não devidamente desenvolvida pelos autores, o que implica noutra indagação: como, nesta proposta, uma leitura crítica da realidade a partir de reflexos sobre a cultura corporal, seria um aprendizado crítico do movimento capaz de ir além de um "discurso crítico" sobre o mesmo? (VALTER).

Valter, acatando a necessidade de desenvolver o conceito mais devidamente, deixa evidente o reconhecimento de uma fragilidade: o não aprofundamento acerca de proposições práticas baseadas na cultura corporal e que poderia proporcionar aos alunos uma aprendizagem crítica acerca da realidade. Assim podemos dizer

que o conceito avançou ao aproximar-se da linguagem, porém ainda não efetivamente como encaminhamentos pedagógicos e muito menos numa aproximação à semiótica:

Pelo exposto, percebemos que a tentativa de expressar uma pedagogia Crítico-Superadora resultou no reconhecimento do movimento enquanto “linguagem corpórea”, mas não, ainda, um diálogo efetivo entre uma semiótica e uma pedagogia do movimento, o que tem entravado um encaminhamento pedagógico efetivo do movimento enquanto simbologia (VALTER).

Creemos que o autor aqui aponta uma diferença em relação ao pensamento de Micheli, reivindicando a possibilidade de uma reflexão pela semiótica. Mas, o ponto de maior diferença não é esse, pois seria possível uma leitura crítica da semiótica, por exemplo, por via das teorias de Vygotsky. A distinção mais evidente é uma aproximação de Valter à Pedagogia do Movimento, que Micheli vai considerar como uma teorização fenomenológica. Aliás, o próprio Valter faz uma crítica à perspectiva do movimento humano como objeto da Educação Física e que nos remeteria a tal pedagogia.

Acreditamos que o estudo da linguagem, seja pela leitura semiótica⁸ ou não, se faz necessário na Educação Física brasileira, tanto porque o Coletivo de Autores (SOARES *et al.*, 1992) levanta essa demanda, como porque a atual legislação localiza essa na área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias.

A linguagem é, assim, a forma propriamente humana da comunicação, da relação com o mundo e com os outros, da vida social e política, do pensamento e das artes [...] A linguagem é um sistema de signos ou sinais usados para indicar coisas, para a comunicação entre pessoas e para a expressão de ideias, valores e sentimentos. Ela implica, portanto, uma totalidade estruturada, com princípios e leis próprios a qual pode ser conhecida, exprimindo objetos que indicam, designam ou representam outros. A linguagem possui três funções: 1- denotativa, indicando, apontando para as coisas; 2- comunicativa, estabelecendo relação entre as coisas e; 3- conotativa, exprimindo sentidos ou significados diferentes em relação a pensamentos, sentimentos, valores etc. (CHAUI, 1995, p. 137; 141).

A linguagem pode e deve ser compreendida também por uma leitura materialista-histórico-dialética. Essa constitui unidade inseparável entre atividade material e não-material⁹.

8. Mauro Betti tem construído argumentações em torno da Educação Física numa leitura semiótica, porém numa perspectiva fenomenológica (BETTI, 1994; BETTI, 2007; e GOMES-DA-SILVA, SANT'AGOSTINO e BETTI, 2005).

9. Sugerimos consultar Bottomore (1997).

Ainda sobre essa questão da expressão corporal como linguagem, Celi afirma a necessidade de se melhorar essa compreensão, contudo, é menos enfática em sua crítica:

No Coletivo, em decorrência da própria legislação vigente localizamos como objeto de estudo a expressão corporal como linguagem. Atualmente precisamos melhorar esta compreensão destacando que o objeto de estudo da Educação Física é a cultura corporal – jogos, esportes, dança, ginástica, lutas e outros (CELI).

Celi vai defender o mesmo ponto de vista de Micheli, em relação à importância do termo trabalho e ao fato do ser humano produzir e, ao mesmo tempo, usufruir da cultura:

Outra crítica é que nós estaríamos com uma visão culturalista, o que também não corresponde ao que defendemos. Não separamos a base material da existência, o processo de desenvolvimento humano da construção da cultura. Não separamos a superestrutura da infraestrutura da sociedade. O homem não nasceu praticando esporte, e muito menos relacionado esporte com saúde, mas, adquiriu, pelo trabalho, pelas atividades, as condições de produzir e reproduzir seu modo de vida onde as relações esporte e saúde foram se consolidando. Esta construção passa pelas relações do homem com a natureza e com os outros homens na manutenção da vida humana. Aí se constrói a cultura corporal – jogos, esportes, dança, ginástica, lutas e outras formas que tratamos pedagogicamente na escola (CELI).

Contrariamente a Micheli, a Valter e a Celi, Carmen não levanta críticas e defende o termo expressão corporal como linguagem como impecável:

E é nesse livro que vamos afirmar que a Educação Física escolar trabalha com a "expressão corporal como linguagem", e essa definição é impecável, porque pensar a expressão corporal como linguagem permite pensar nas tantas linguagens que existem: o esporte, o jogo, a dança, a capoeira, a luta. A Educação Física trata da expressão corporal como linguagem e isso ajuda muito na elaboração de um planejamento de ensino, porque aí sim, aí eu vou esquecer das perfunctórias e vou de fato trabalhar com as grandes estruturas e com aquilo que constitui mesmo o saber da área e aí eu vou compreender que metodologia não existe sem conhecimento (CARMEN).

Diante de tudo o que foi colocado e longe da pretensão de esgotar a discussão a respeito da cultura corporal, buscamos compreendê-la a partir das visões de vários autores os quais a escreveram e reescreveram em diferentes momentos históricos.

O fato é que chegamos à atualidade ainda com sérios dilemas acerca de qual é o conhecimento específico da Educação Física na escola. Entretanto, reco-

nhecemos o papel marcante/determinante que o Coletivo de Autores (SOARES *et al.*, 1992) ocupou e ocupa nas elaborações e experiências de quem estuda e milita na Educação Física escolar.

Tomamos como exemplo a produção dos professores de Educação Física da Rede Municipal do Recife.

...reconhecemos a Educação Física como uma prática pedagógica que possibilita sintetizar e sistematizar representações do mundo no que concerne à produção histórica e social de algumas das dimensões, elaborações, manifestações da cultura humana, em contextos específicos, tais como exemplo: jogos, esportes, ginásticas, lutas e danças. Dispondo de sua intencionalidade, o ser humano, em interação com os outros e com a natureza, produz, expressa e incorpora essa cultura em forma de signos, ideias, conceitos e ações nas quais interpenetram dialeticamente as intenções dos próprios homens e a realidade social (COLETIVO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA REDE DE EDUCAÇÃO MUNICIPAL DO RECIFE, 2005, p. 223).

Percebemos nitidamente a superação da esportivização de nossa área, a consciência crítica às visões idealistas, positivistas e fenomenológicas de Educação Física, a busca pela desnaturalização biológica de seu objeto de estudo.

Certamente nossos dilemas não são mais uma discussão teórica que reivindica o estatuto científico da área ou mesmo filigranas de discursos idealistas. Atualmente esses estão imbuídos pela necessidade de reconhecer os fundamentos, os limites e as possibilidades de cada explicação/construção acerca da Educação Física escolar, que se pautem na perspectiva crítica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, o objeto de estudo específico da Educação Física escolar, na perspectiva crítico-superadora, é compreendido e defendido pelos seus seis autores de forma diferente. Em alguns pontos encontram aproximações e em outros distanciamentos. Mesmo com nuances entre os seis, podemos dizer que, num pólo, temos o olhar da radicalidade marxista, que enxerga e critica o abstracionismo idealista, o comportamentalismo positivista e o relativismo fenomenológico. Num outro pólo, aproximando-se da leitura neomarxista, se critica certo determinismo ideológico.

Na época da elaboração do livro, as diferenças foram minimizadas na intenção de potencializar a unidade coletiva em torno de uma nova proposição para o ensino da Educação Física na escola. O que os unia foi muito mais valorizado do que os afastavam. O que não significa dizer que as reflexões e decisões tenham sido sempre consensuais ou sem disputas de argumentos e até de posições pessoais.

Aqui, em nossa reflexão acerca da cultura corporal e da expressão corporal como linguagem, não nos cabe incentivar uma aproximação e tão pouco acirrar um distanciamento. Nosso papel foi apresentar, no instante que completou a maioria, os fundamentos, os limites e as possibilidades da elaboração do Coletivo e de seus sujeitos, sob a influência de diferentes momentos históricos e distintos pontos de vista.

Cremos que atingir a maioria traz também um ar de serenidade e solidez onde as obrigações e responsabilidades passam a se dar num sentido pessoal de compromisso e vontade de responder às demandas de uma área e num significado social de um engajamento político e acadêmico.

Fazendo alusão ao conceito jurídico de maioria¹⁰, cremos que precisamos ser capazes de, cada vez mais, contrairmos obrigações e sermos responsáveis pelas nossas explicações e elaborações acerca da Educação Física escolar. Ter discernimento, com critério, prudência, juízo e tino configura essa maioria, e é o que o Coletivo de Autores (SOARES *et al.*, 1992) se propôs, ao refletir acerca de nossa especificidade.

Acreditamos e defendemos que a cultura corporal se configura dimensão constituinte da produção cultural humana, condicionada histórica e socialmente. De fato concordamos com certa redundância no termo, mas defendemos sua permanência como estratégia demarcatória para a confirmação da dimensão corporal humana na cultura.

Pensamos que o grande mérito da obra em apreço e do posicionamento de seus autores, no decorrer da história da Educação Física mais recente, é a elucidação da dialeticidade da dimensão cultural do corpo e do corpo na cultura e mais, particularmente, no reconhecimento da atividade humana que produz tal dimensão e, ao mesmo tempo em que produz a si mesmo, é produzido por ela.

Em se tratando da expressão corporal como Linguagem, continuamos a acreditar, fundamentar, argumentar e defender essa como objeto de estudo específico da Educação Física na escola. É esta que traz os sentidos e significados em tratar os diferentes temas da cultura corporal.

Nos jogos, esportes, lutas, ginásticas, danças... o homem também se constitui homem e constrói sua realidade pessoal e social. O homem que joga se torna sujeito jogador e objeto jogado. Ainda que no ato da vivência o homem não tenha a intenção de externalizar a compreensão humana, ele, por ser sujeito de ações condicionadas e/ou determinadas socialmente, termina por expressar algo pela linguagem.

10. Este conceito diz respeito a maioria penal que no Brasil é a partir dos 18 anos. Tanto o código penal brasileiro, quanto o Estatuto da Criança e do Adolescente estabelecem a vida adulta como o momento de autorresponsabilização.

No entanto, a linguagem não é só forma/conteúdo de externalização, ela também é de internalização. A linguagem não é apenas comunicação, também é denotação e conotação. A linguagem é ainda estruturação e interação de sujeitos, pois constitui o pensamento humano e estabelece relações entre os homens. Cremos que a Educação Física crítico-superadora prescinde, para aprofundar ainda mais sua reflexão sobre seu objeto de estudo específico, de uma discussão acerca da linguagem sob um olhar marxiano, e por que não dizer marxista?

Collective of Authors: a corporal culture in question

ABSTRACT: Collective of Authors is the name given to the six authors of the book called The Teaching Methodology in Physical Education, published in 1992 by Cortez Publishing Company. This book has become an important reference in the field of Physical Education's knowledge formation, setting itself as essential reading to the ones who work with Physical Education at Schools. This text focuses a reflection regarding the corporal culture category, inserted in a deep researching discussion, and brings a dialogue with bibliography and by the interviews made from the authors, particularly reflecting as per the study object of Physical Education at School with a critical and overcoming perspective.

KEYWORDS: School; teaching; physical education; corporal culture.

Colectivo de Autores: la cultura corporal en cuestión

RESUMEN: Colectivo de Autores es el nombre dado a los seis autores del libro Metodología de la Enseñanza de la Educación Física, publicado en 1992 por editorial Cortez. Este libro se ha convertido en una referencia importante en el ámbito de la producción de conocimientos en Educación Física, en sí misma como una lectura esencial para quienes trabajan con la Escuela de Educación Física. Este texto, inserta en un contexto más amplio de investigación sobre el trabajo, la discusión se centra en la categoría cultura cuerpo y trae un diálogo con la bibliografía y las entrevistas con los autores, lo que refleja sobre todo en el estudio de la Educación Física en la escuela en una perspectiva Crítico-Superadora.

PALABRAS CLAVE: Escuela; enseñanza; educación física; cultura cuerpo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, D. de. *Análise da proposta metodológica para a educação física escolar formulada por Coletivo de Autores*. 1997. 118 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Programa de Pós-graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1997.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1988.

BETTI, M. O que a semiótica inspira ao ensino da educação física. *Discorpo*, São Paulo, n. 3, p. 25-45, 1994.

BETTI, M. Educação física e cultura corporal de movimento: uma perspectiva fenomenológica e semiótica. *Revista da Educação Física/UEM*, Maringá, v. 18, n. 2, p. 207-217, 2. sem. 2007.

BOTTOMORE, T. (Org.). *Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

BRACHT, V. *Educação Física e Ciência: cenas de um casamento (in)feliz*. Ijuí: Unijuí, 2003.

BRACHT, V. Cultura Corporal, Cultura de Movimento ou Cultura Corporal de Movimento? In: SOUZA JÚNIOR, M. *Educação Física Escolar: teoria e política curricular, saberes escolares e proposta pedagógica*. Recife: EDUPE, 2005. p. 97-106

CASTELLANI FILHO, L. *Diretrizes gerais para o ensino de 2º grau: núcleo comum - educação física*. Projeto SESG/MEC - PUC/SP, 1988. (mimeo).

CASTELLANI FILHO, L. et al. *Metodologia do ensino de Educação Física*. São Paulo: Cortez 2009.

CHAUÍ, M. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 1995.

COLETIVO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA REDE DE EDUCAÇÃO MUNICIPAL DO RECIFE. Educação Física: uma proposta pedagógica. In SOUZA JÚNIOR, M.. (org.) et al. *Educação Física escolar: Teoria e política curricular, saberes escolares e proposta pedagógica*. Recife: EDUPE, 2005, p. 217-231.

DIECKERT, J. et al. A Educação Física no Brasil – A Educação Física Brasileira. In: DIECKERT, J. et al. *Elementos e Princípios da Educação Física*. Uma Antologia. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1985.

ESCOBAR, M. O. Cultura Corporal na escola: tarefas da Educação Física. *Motrivência*, Florianópolis, ano VII, n. 08, Dezembro, 1995.

ESCOBAR, M. O. Crítica a perspectiva da promoção da saúde e da aptidão física. *Boletim Germinal - on-line*, n. 6, 2009. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/germinal/n6-032009.htm#dois>>. Acesso em: 23 mar. 2011.

ESCOBAR, M. O. e TAFFAREL, C. N. Z. A cultura corporal. In HERMIDA, Jorge Fernando (org.). *Educação Física: conhecimento e saber escolar*. João Pessoa: EDUFPB, 2009, p. 173-180.

FERREIRA, M. G. Teoria da Educação Física: bases epistemológicas e propostas pedagógicas. In: BRACHT, V.; FERREIRA NETO, A.; GOELLNER, S. *Ciências do Esporte no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 1995, p. 193-224.

FREIRE, J. B. *Esboço para organização de um currículo em uma escola*. Revista Brasileira de Ciências do Esporte – CD-Rom – Anais do XI CONBRACE (caderno 2), v. 21 (1), setembro de 1999, p. 70-84.

GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. C. *Compreendendo o Desenvolvimento Motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos*. São Paulo: Phorte, 2005.

GOMES-DA-SILVA, E.; SANT'AGOSTINO, L.H. F.; BETTI, M. Expressão corporal e linguagem na Educação Física: uma perspectiva semiótica. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*, São Paulo, ano 4, n. 4, p. 29 -38, 2005.

HARROW, A. J. *Taxionomia do domínio psicomotor*. Buenos Aires: Ateneo, 1978.

LE BOULCH, J. *A educação pelo movimento*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

LÜDKE, M., ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo EPU, 1986.

RODRIGUES, L.; BRACHT, V. As culturas da educação física. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 32, n. 1, p. 93-107, setembro 2010. Disponível em: <<http://www.rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE/article/view/483/567>>. Acesso em: 21 mar. 2011.

SERGIO, Manoel. *Para uma epistemologia da motricidade humana*. Lisboa: Compendium, 1987.

SOARES, C. L. Educação Física escolar: conhecimento e especificidade. *Revista Paulista de Educação Física*, São Paulo, supl. n. 2, p. 6-12, 1996.

SOARES, C. L. et al. *Metodologia do Ensino de Educação Física*. São Paulo: Cortez, 1992.

TAFFAREL, C. N. Z. *Crítica às proposições pedagógicas da educação física*. *Boletim Germinal - on-line*, n. 6, 2009. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/germinal/n6-032009.htm#um>>. Acesso em: 23 mar. 2011.

TAFFAREL, C. N. Z.; ESCOBAR, M. O. *Metodologia Esportiva e Psicomotricidade*. Recife: Gráfica, 1987.

TAFFAREL, C. N. Z.; ESCOBAR, M. O. *Cultura corporal e os dualismos necessários a ordem do capital*. *Boletim Germinal - on-line*, n. 9 2009. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/germinal/n9-112009.htm#7cultura>>. Acesso em: 22 mar. 2011.

TANI, G. et al. *Educação física escolar: fundamentos para uma abordagem desenvolvimentista*. São Paulo: EPU/EDUSP, 1988.

Recebido: 21 dez. 2009

Aprovado: 28 mar. 2011

Endereço para correspondência

Marcílio Souza Júnior

Av. dezessete de agosto, 1869/302a

Casa Forte, Recife/PE

CEP: 52.060-590.